O Poder das Palavras

Há muito, muito tempo, vivia na vila de Cuba um casal que tinha um filho que desde muito cedo revelou ter o dom da palavra e da escrita. A paisagem alentejana com os seus campos vermelhos de papoilas e o dourado das searas, eram a fonte de inspiração para a sua poesia que encantava quem a ouvia.

Como os seus pais eram muito pobres, tiveram de tirá-lo da escola para que fosse trabalhar no campo para ajudar no sustento da casa.

Nessa vila, um velho professor primário, já reformado, por pena de ver desperdiçar tal talento, ensinara-o a ler e a escrever melhor e emprestara-lhe muitos livros que o rapazola lia com sofreguidão. Com os livros começou a sonhar com uma vida melhor.

Um dia, porém, aconteceu algo que iria mudar o seu feliz quotidiano. O velho professor, cuja idade ia já bastante avançada, morrera, deixando-o numa enorme tristeza.

-E agora, o que vai ser da minha vida? Quem é que me vai dar alento para continuar a ler e a escrever? - lamentava-se o rapaz.

-Então, filho, tens de ter calma, tudo se há-de resolver! Agora estás a sofrer, mas daqui a uns tempos, vais ver que essa ferida vai curar-se e lembrarás com carinho o teu velho amigo! - consolavam-no os seus pais.

- Têm razão, queridos pais. Estou só a pensar em mim e a ser egoísta. Com certeza que o meu amigo não havia de gostar de me ver assim. Mas vou sentir tanta falta das conversas e dos conselhos do velho professor…Mas prometo que vou ter mais coragem e lutar por aquilo que mais desejo que é escrever!

O tempo foi passando e o rapaz continuava a escrever as suas histórias e poesias. Contudo, a vida estava cada vez mais difícil, mas trabalhar sol a sol, não era o futuro que ambicionava para si. Como era conhecido o seu gosto pelas palavras, conseguiu

arranjar trabalho na casa de um lavrador muito rico, que o contratou para escrever a história sobre a sua família.

Ora acontece que esse lavrador tinha uma filha muito bonita, mas com um grave problema. Cada vez que falava, da sua boca saiam sempre rimas, o que afastava todos os seus pretendentes, pois não sabiam como responder-lhe. Este problema, tornara-a numa rapariga muito embirrante e a todos tratava com desdém. Afinal, ela só queria esconder a sua infelicidade e não se apercebeu que possuía um bonito dom.

O rapaz, assim que a viu, logo se enamorou perdidamente por ela e jurou a si próprio que havia de fazer dela uma mulher feliz.

A moça, olhava-o de soslaio e fingia ignorá-lo. Até que um dia, arrebitou o seu nariz e disse-lhe:

- Ó moço atrevido, para onde estás olhar? Sai já daqui, que me estás a incomodar!

- Menina de tamanha beleza! Olhos lindos como o sol! Para quê essa tristeza? Vem aqui ao meu redor!

-Olha-me este malandrão! Quem julgas tu que és? Atiço-te já o cão, nem se te aproveita os pés!

- Vossas palavras, Senhora, são música para os meus ouvidos e mel para o meu coração! Sinto-me todo derretido, a tremer de emoção.

-Poeta de meia-tigela! Desaparece já daqui! Só queres a minha fortuna, não tens interesse por mim.

-Ser poeta é ser alguém, não é preciso dinheiro, tenho a minha poesia, sinto-me feliz por inteiro. Feliz por inteiro, não estou. A quem quero eu enganar? Feliz eu ficaria, se contigo me casar.

- O que é que estás a dizer? Estás a pedir-me em casamento? O que hei-de eu fazer? Terá chegado o momento?

- Afinal não sou o único poeta que aqui se encontra. Menina, casa comigo, não sejas mosquinha tonta.

E assim, entre poemas e rimas viram que tinham algo em comum: o gosto pelas palavras, além, claro está, do amor que os unia.

Decidiu-se o casamento que se festejou na Quinta da Esperança, com muitos convidados, muita animação e muitas rimas e poesia que os noivos faziam a despique.

Anos mais tarde, o casal dedicou-se a escrever poesia que foi lida pelos seus filhos e mais tarde pelos seus netos que diziam:

- Na Vila de Cuba havia

Um casal que se amou

A palavra os unia

A poesia os juntou.